

Capítulo XXXV - UMA SIMPLES PERGUNTA E A IMPLOÇÃO

Eu estava ali, na saída do restaurante, apoiando o meu ombro esquerdo no portal. Um forte sentimento de frustração havia se abatido sobre mim, mais uma vez.

Há várias horas, eu me dedicava intensamente para encontrar a minha namorada. Durante esse período, os meus sentimentos vivenciaram uma verdadeira montanha-russa, com descidas abruptas e longas para o vale das decepções e, nas elevações, experimentando somente efêmeras manifestações de otimismo.

Além disso, após voar do convés do Bateau Mouche, passei por experiências dramáticas e macabras vendo pessoas morrerem afogadas, interagindo com uma naufraga que sobreviveu apoiada em um cadáver, compartilhando assento com um pai que levava no colo seu filho pequeno sem vida e, mais recentemente, o meu périplo pelo necrotério improvisado, tentando reconhecer o corpo de Ana.

A minha última recuperação de ânimo aconteceu quando a mulher que eu salvara em duas ocasiões, encontrou-se comigo, de forma surpreendente e inexplicável, no píer do Iate Clube. Embora tenha adotado um certo ceticismo inicial, ao ouvir as suas palavras a respeito de encontrar Ana no restaurante Sol & Mar, eu acolhi a recomendação de checar essa possibilidade. Ela me garantiu que vários naufragos desembarcaram no cais do restaurante.

Ao sair do Iate, o meu súbito otimismo levou-me ao extremo, a ponto de decidir correr descalço pela Avenida Pasteur – sem atentar para os riscos de contusão inerentes a essa situação – como forma de reduzir o tempo de deslocamento até o Sol & Mar.

Ao não encontrar Ana no restaurante e ser tomado mais uma vez por uma sensação profunda de derrota, eu precisava decidir quais seriam os meus próximos passos. Além disso, a minha responsabilidade de comunicar aos pais dela sobre o desaparecimento no mar era irremovível.

O ponto que merecia uma reflexão mais densa era escolher se eu aguardaria, durante a madrugada, que fosse confirmado o resgate do corpo dela ou, como este desfecho dependia de inúmeros fatores, alguns deles associados ao comportamento imprevisível do mar, talvez fosse melhor esperar em casa pelo final dos trabalhos ao longo da noite, e contatar as autoridades pela manhã.

Capítulo XXXV - UMA SIMPLES PERGUNTA E A IMPLOÇÃO

De qualquer forma, de imediato, eu precisava decidir se retornava ao Iate Clube para uma última busca no necrotério ou se pegava o meu carro e retornava para casa, com o objetivo de me preparar para as melancólicas atividades que teria de colocar em prática logo de manhã.

No meio desse turbilhão de pensamentos onde muitas dúvidas se engolfavam, instalou-se a revolta pelo fato de o meu forte pressentimento positivo não ter se concretizado. Afinal, eu mentalizei que a recomendação da naufraga para que eu me dirigisse ao Sol & Mar tinha uma conotação de justiça divina, no formato de um final feliz, como recompensa por todo o esforço que eu tinha despendido para resgatar a minha namorada.

Embora não estivesse ainda muito claro para mim, começava, ali, uma nova etapa da tragédia, pois não havia mais alternativas para ter Ana ao meu lado. Talvez esta outra fase tenha alterado o meu subconsciente em relação ao comportamento que vinha adotando, de não me interessar em iniciar uma conversa com estranhos. Aliás, uma atitude coerente para quem estava concentrado em cumprir uma missão complexa. Ao contrário, a partir de agora, eu precisaria fazer muitas indagações para entender os procedimentos para identificação de corpos.

Essa mudança de comportamento pode explicar, então, porque decidi iniciar um diálogo com a jovem que eu havia reconhecido, pela forma carinhosa como tratava o pai no convés do Bateau. Se a cena que estava se configurando, tivesse ocorrido um pouco antes, por exemplo, no Iate Clube, eu certamente permaneceria enrustido, porque ela, mais interessada em conversar com as duas amigas, nem percebeu a minha presença tão próxima do trio.

Tomado, então, por essa nova e surpreendente vontade de falar com uma pessoa estranha, eu guardei um raro momento em que se fez silêncio entre as três amigas, dei dois passos à frente, para garantir que a minha voz fosse emitida em um tom bem baixo e, após dizer que a estava reconhecendo do convés do Bateau Mouche, perguntei-lhe se a família dela estava bem, evitando mencionar a palavra sobreviver.

Capítulo XXXV - UMA SIMPLES PERGUNTA E A IMPLOÇÃO

A jovem demonstrou uma certa surpresa com a minha aproximação e com uma pergunta em seguida, postura que poderia ter sido interpretada como um tipo de invasão de privacidade. Mas, coerente com a pureza da sua jovialidade, respondeu com extrema educação. Disse que seu pai havia sobrevivido, mas, com a voz demonstrando emoção, balbuciou que a mãe ainda não havia sido localizada.

Confesso que ao dar continuidade ao estranho impulso que me levou a iniciar uma conversa com a moça, eu não me preparei para receber uma resposta dolorosa por parte dela. Fiquei emocionado, sobretudo porque vivi intensamente o desespero dos náufragos que não tinham condições físicas e emocionais para sobreviver. A mãe dela, que até aquele momento não havia sido encontrada, poderia ser um desses casos de melancólico final. Assim como o de Ana.

O meu comentário para a jovem foi sucinto, evitando prolongar o diálogo, em respeito à forte apreensão que devia estar invadindo o seu emocional. Desejei a ela que recebesse o mais rápido possível a notícia que sua mãe, com saúde, estivesse esperando por ela e que, também, não perdesse a esperança de que esse encontro ocorreria.

Em seguida, já de costas para o trio, retomei o meu primeiro passo para voltar à posição em que eu estava antes, apoiado no portal, e retornar aos meus pensamentos a respeito do que fazer em seguida, quando fui surpreendido com uma única palavra dita pela moça: desculpe.

Da forma como a palavra foi pronunciada, havia uma indicação tênue, mas ao mesmo tempo, significativa, de que ela tinha a intenção de continuar o diálogo comigo. Em princípio, esse comportamento não era muito compatível com aquele momento doloroso. Como primeira razão para esta avaliação, eu era somente um estranho que tomou a iniciativa de perguntar-lhe sobre a situação da família, após o naufrágio. Em segundo, ela estava no meio de outras duas náufragas, provavelmente vivenciando uma situação de amparo emocional mútuo, que não deveria dar oportunidade para a interrupção prolongada por parte de uma quarta pessoa, que ninguém do grupo conhecia. E terceiro, eu havia tomado a iniciativa de voltar ao meu lugar, evitando prolongar o período de quebra de introspecção do trio.

